

# Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos  
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra  
Junho de 2011

## GRANDES HEROÍNAS TRÁGICAS (5)

### *Ifigénia em Ifigénia em Áulide*

Representada a título póstumo por um Eurípides exilado e em fuga da decadência palpável de uma Grécia em crise, a *Ifigénia em Áulide* contém em si as marcas de um conflito profundo que assolava uma sociedade, cujos anos de prosperidade e prestígio chegavam ao fim. Construída sobre a ideia de ambição, conquista e poder, que a campanha troiana persistia em simbolizar, esta nova tragédia, centrada na filha de Agamémnon, avaliava os custos, como também as condições de uma guerra, mesmo que de sucesso. A questão que o poeta colocava à sua cidade tinha sobretudo a ver com a definição do mérito e a imagem de um novo 'heroísmo'. A peça está centrada em Agamémnon, o chefe supremo dos Aqueus em Tróia, encarnação do poder, da tradição, dos valores másculos e militares, sem deixar de ser, numa outra face privada, o marido e o pai de família; em contraponto, ergue-se a heroína frágil e feminina que é Ifigénia, quase criança ainda, emotiva, crédula, o produto ingénuo de afectos em família, que a vida até agora resguardou. Através destas duas figuras, duas noções, de *kléos* e de *philia*, sustêm toda a estrutura dramática: Agamémnon dá prioridade a *kléos*, o mérito que se produz de acordo com valores colectivos e políticos; Ifigénia, por seu lado, não sabe senão decidir-se em nome da *philia*, pelos seus e pela pátria, com ela conquistando também uma glória, *kléos*, límpida e imortal.

Num prólogo dialogado, as duas personagens a quem cabe abrir a peça - um velho servo, simples anónimo, e Agamémnon, um senhor poderoso - discutem o prestígio como uma noção que preside à peça, com a relevância de um princípio de longa tradição cultural. Ser humano vulgar, sob as galas de uma tradição de aristocratas, o chefe dos Aqueus inveja os que são, no mundo que o cerca, as criaturas comuns, a quem a desqualificação social, a idade ou o sexo concedem uma tranquilidade feliz. E todavia a sua qualidade aristocrática coloca-lhe outras exigências: ousadia perante o 'perigo', secundada pelo reconhecimento colectivo, eis o que se espera de um indivíduo com a distinção de Agamémnon. A *arete* e *kléos*, como a tudo o que é superior, anda associada, porém, a ideia de 'sofrimento', físico e moral,

elementos de um código de honra que parece inacessível à nova personalidade deste militar. Numa palavra, Eurípides propõe-se, uma vez mais, testar a adequação de um velho conceito de herói e seus paradigmas à Atenas do seu tempo.

Compete ao coro enunciar (559-567), a partir do reconhecimento da variedade que *physis* determina nas criaturas humanas, os traços com que *nomos* configura os cidadãos reconhecidos como membros de uma mesma sociedade e cultura. Aquilo que, no seu enunciado, constitui a verdadeira nobreza assenta num conjunto de pressupostos de onde, significativamente, *genos*, ‘o estatuto familiar’, está excluído. Decisiva é a educação, atenta a explorar as potencialidades individuais da razão, que incentiva a prudência e permite discernir, sem falsos aparatos ou ousadias, o verdadeiro sentido do dever. Com a opção por um comportamento justo e correcto, o *aristos* impõe-se à consideração da opinião pública. No feminino, virtude significa pudor no que são as experiências do foro de Cípris; para os homens trata-se de um equilíbrio interior, multifacetado, que contribui para a grandeza das cidades. E é esta dicotomia de valores, que constituem os méritos masculino e feminino, que a peça põe em questão.

Aquiles, porque mais jovem e ainda distante da competição política, parece preservar os traços do discípulo de um mestre superior que a tradição consagrou. A cena em que o falso noivo de Ifigénia responde perante o quadro de *arete* estabelecido pela futura sogra, Clitemnestra, é, na prática, a aplicação dos princípios antes enunciados pelo coro. A desejável *sophia* aprendeu-a o herói com o melhor dos mestres, o centauro Quíron (709-710), o que faz do seu caso um paradigma. Por isso, a sua reacção de discrição perante os novos parentes parece justificada, na opinião da rainha, como sua natural consequência. Mas a Aquiles é dada também, numa *rhexis* que ele mesmo pronuncia, oportunidade de desvendar-se como o produto de uma educação modelar (926-927). Das qualidades desenvolvidas junto do Centauro, o Pelida valoriza a independência, que o deixa livre de tomar decisões orientado apenas pela própria razão (929-930). Daí resulta a defesa da honra como valor absoluto, sem interferência de qualquer outra condição ou objectivo; tudo parece límpido na proclamação do Pelida, a distingui-lo do comportamento reprovável dos seus pares (944-947): ‘Eu seria o mais covarde dos Argivos, uma nulidade é o que eu seria e Menelau um verdadeiro campeão, deixaria de ser o filho de Peleu para me tornar no filho de um maldito, se o meu nome fosse usado, pelo teu marido, como arma para um crime’. E, no entanto, Aquiles falha naquilo que é a vitória posta a prémio no

acampamento de Áulide, a salvação da vida de uma jovem injustamente condenada. E falha por um tremendo egoísmo. Mais do que com os interesses da que foi chamada sua noiva, ou de uma simples criança em perigo, Aquiles preocupa-se com o seu orgulho pessoal e com a defesa ambígua do nome que usa; o que o incomoda não é que o nome de Aquiles sirva para cobrir uma indignidade, mas que os benefícios dessa indignidade recaiam sobre outrem, quando afinal o nome lhe pertence e não foi chamado a partilhar dos louros dessa vantagem (959-969). Se lho tivessem solicitado, também ele teria trocado *sophía* por *time*, naquela versão egoísta e amoral que parece em voga no momento.

Agamémnon e Menelau são, no teatro de Eurípides, paradigmas constantes do político nova vaga, ambicioso, pragmático, amoral, capaz de abdicar dos princípios para ceder à opinião pública, se a cedência lhe valer votos e apoio popular. Até chegar a chefe supremo do quartelamento grego em Áulide, Agamémnon teve de cumprir o seu *cursum honorum*. Melhor do que nenhum outro, Menelau foi testemunha de como uma personalidade frágil se guindou ao nível mais elevado da hierarquia social. Nada se diz sobre a sua educação, sobre o esforço de consolidação de uma personalidade forte e coerente; fala-se da importância da opinião pública e de como da força dos votos tudo dependia. Em vez de qualidades a distinguirem uma personalidade superior, Menelau insiste nos ‘modos’ adoptados pelo candidato, superficiais e precários, destinados a angariar apoios e simpatias. Adquirida a dignidade ou o cargo que se pretende, o jogo de conluios entre correlegionários caduca. Promessas adiantadas em troca de favores ficam sem cumprimento, ao sorriso acolhedor substitui-se um rosto arredio, qual barreira de um distanciamento defensivo. Este jogo de interesses vive de uma aparência que não resiste às provas que a autoridade exercida por um homem sempre tem de enfrentar. Sobreveio a primeira adversidade e o novo chefe não sabia como proceder. E eis Agamémnon em face de um grande dilema, em que valores essenciais se confrontam com o troféu, distante e quase inacessível, de *kléos*.

Na vida pública, entre pares, vigora a inveja ou concorrência. Agamémnon pressente a animosidade de Menelau (385), teme-lhe as ameaças, pessoais desde logo, mas também as que possam resultar de jogos políticos. No seu egoísmo, a *philia* a que Menelau está obrigado não conhece a reciprocidade, é uma amizade no próprio interesse e não no interesse do amigo. O Atrida vai até mais longe, ultrapassa as exigências e recriminações pessoais ou familiares; promete ‘recorrer a outros meios e a outros amigos’

(413-414), os políticos, que sobrepõe aos familiares, valorizando assim um conflito entre o privado e o colectivo.

Neste universo onde pressente hostilidade dos que lhe são mais próximos, Agamémnon só pode resistir com as mesmas armas. Por isso, calando uma fraqueza que, na sua personalidade, é visceral, calca aos pés sentimento, *philia* para com os seus e qualquer sentido do razoável, para se escudar sob uma máscara de ‘crueldade e audácia’ (912). A necessidade que todo o ser humano tem de uma *philia* autêntica, leal, isenta de concorrência, que se exprima por uma proximidade e confiança de almas, nos momentos de crise em particular, encontra-a o chefe dos Aqueus não num dos seus pares, mas no velho servo que há muito vive e serve na sua casa. Aquela que, no passado, era qualidade dos melhores – a fidelidade ao juramento e ao compromisso – parece agora uma simples tradição em decadência, que já só os espíritos modestos e conservadores entendem e praticam. A desconfiança campeia, de facto, no mundo social e político, companheira inevitável da luta pelo poder. É a Persuasão, uma capacidade a que a Atenas democrática deu a importância de uma verdadeira deusa, o que serve melhor as ambições e os interesses. Sem pejo, Menelau convenceu Agamémnon a matar a filha para servir o seu objectivo de vingar o rapto de Helena e o anseio de glória que a todos abrange; por sua vez Agamémnon inventou a mentira de uns esponsais, para convencer a mulher a entregar a vítima para o sacrifício.

A vinda de Clitemnestra aprofunda o quadro familiar que se abre no ambiente militar, instalado em Áulide. Nas relações privadas, que levam a rainha a acorrer ao chamamento do marido, permanece ainda uma confiança, que, no entanto, convive mal com Persuasão. Homem público, Agamémnon infiltra uma falsidade pragmática nas suas relações com uma família ainda solidária, transformando *philia* em ódio e sede de vingança.

Quando, enfim, percebe as verdadeiras intenções do marido – sacrificar a vida da filha a um sonho de glória -, Clitemnestra procura recorrer a um outro nível de alianças, que se situam entre o familiar e o social. Eurípides deseja ambígua a posição de Aquiles, como noivo prometido a Ifigénia dentro de uma ficção de esponsais inventada por Agamémnon. De prometido Aquiles teve apenas o nome, vítima também ele de uma cilada, e nada mais (903-904). Mas, mesmo se involuntariamente, o Pelida contribuiu para a condenação de Ifigénia com o simples boato a que emprestou o seu nome; cabe-lhe, portanto, tomar a defesa da vítima, que o é também da sua dignidade e pergaminhos. Mas a atitude que assume mostra como também ele coloca *peithô* ‘persuasão’ acima de *pístis* ‘confiança’, em nome da almejada

*time* ou *kléos*. Nem mesmo a aflição de uma mãe e a angústia de uma jovem condenada à morte, que apelam à sua intervenção como único recurso, o demovem. Aquiles quer tentar, junto de Agamémnon, a persuasão, mesmo se lhe é previsível o pouco efeito dessa tentativa (1017), porque ela se coaduna com o seu sentido, vago e pragmático, de *philia* (1019-1023); uma cedência de Agamémnon obtida por intervenção hábil de Clitemnestra deixá-lo-ia na melhor das situações: obtido o resultado, sem mais contenciosos com um companheiro de armas. Sob a capa de um discípulo de Quíron, o Aquiles de *Ifigénia em Áulide* é um modelo de cinismo na forma como pretende atingir o seu objectivo sem custos ou arrelias.

Ifigénia traz, a este universo sombrio e desumano, a frescura dos sentimentos verdadeiros, descomprometidos e sinceros. Ignorante dos conflitos que gera, a sua vinda a Áulide é um hino à *philia*, porque mais do que o sonho de um casamento com um príncipe encantado, a jovem vive a sedução de amar e de se sentir amada: pela mãe, que a acompanhou ao aquartelamento dos Aqueus, para estar presente na hora de a confiar a um marido (457-459); depois por um pai que julga extremoso e de que há tanto tempo se viu separada. Se a participação que Clitemnestra tem na preparação das bodas é retratada por Eurípides de acordo com o quadro convencional da responsabilidade de uma mãe de família no casamento de uma filha, a relação pai / filha obedece a cores que pintam a emoção. *Philia* é palavra que, em todos os tons, percorre este encontro entre Agamémnon e Ifigénia. A jovem corre a saudar um pai ‘querido’, não se poupa a ternuras infinitas como ‘predilecta do pai’. Abraços (635-637), beijos (679), doces palavras misturam-se com uma profusão de termos de parentesco, de onde avulta uma *philia* especial que liga um pai a uma filha. Ifigénia reveste a personalidade de uma criança, mimada, terna, efusiva e sobretudo alheia aos males que existem no mundo que habita, e que impiedosamente vão apertando um cerco em sua volta.

Foi breve a alegria vivida por Ifigénia, porque já, face à terrível revelação, é outra a criança triste e aflita que, a chamado da mãe, regressa, agora como suplicante, para implorar o seu pai e carrasco. Clitemnestra esforça-se por fazer crescer a criança de há pouco; a mesma mãe que antes a impulsionara a correr para os braços de um pai amado, é a que agora a aconselha a valorizar a Persuasão (1129), no gesto apenas, tornando impressiva a sua imagem de criança dócil, com um Orestes, ainda bebé ao colo; argumentos mais sofisticados reserva-os Clitemnestra para si própria (1121).

Ifigénia está diante da mais terrível das crises, aquela em que todos os enleios afectivos que faziam dela uma criança feliz se quebram. Assiste primeiro à ruptura do casal régio de Micenas, os seus pais, cuja harmonia familiar não passava de uma miragem. Depois à desmontagem do afecto que lhe era mais querido, o do pai, que afinal está disposto a matá-la. E porquê? Simplesmente pela mais inconcebível das causas, ‘para Menelau recuperar Helena (...), os filhos em troca de uma má mulher’ (1168-1169). Ouve a previsão do dismantelar futuro de uma família tranquila e de um palácio poderoso, tudo em nome de razões de prestígio que naturalmente pouco dizem aos seus interesses de criança. E desta vez, por impulso natural, sem precisar de uma palavra de incentivo de Clitemnestra, Ifigénia implora, com uma *rhesis* longa, que é já um ensaio de argumentação coerente e mais amadurecido. A criança cresceu na atitude e no raciocínio, sem prescindir ainda dos afectos de que até agora a sua vida se alimentou. Da sua primeira intervenção, Ifigénia retoma termos e gestos de *philia*: recorda projectos de um afecto eterno entre uma filha, já adulta, perante um pai envelhecido (1228-1230), pede um sinal de carinho da parte de um pai que agora enfrenta, à distância, repete os apelos ao parentesco. Trata-se ainda da mesma Ifigénia de sempre, se bem que retraída e magoada pela descoberta atroz que acabava de fazer. A reserva com que esbarra, da parte de um Agamémnon arredio, estimula-a a ir mais longe, pelos caminhos que a persuasão lhe insinua; se as palavras não bastam para convencer o rei, talvez apelos e súplicas, lágrimas e gestos produzam o milagre (1241-1248). É evidente que um instinto de sobrevivência muito humano opera a transformação da criança descuidada; Ifigénia apela pela vida como supremo ideal, introduzindo nos seus pensamentos finais um pragmatismo, que deixou de ser infantil, para se tornar o brado de um adulto comum (1252): ‘Mais vale uma vida desgraçada do que uma morte gloriosa’.

A esta argumentação, Agamémnon responde com um assentimento breve da legitimidade do motivo (1256): ‘Amo os meus filhos’. Mas apenas para encerrar um argumento, antes de abrir um outro que é, para o seu espírito militar e masculino, o decisivo: *kléos* instala-se como um valor prioritário. Mais do que pai, Agamémnon passa a assumir-se como chefe, de heróis que empreendem uma campanha grandiosa contra as muralhas célebres de Tróia; trata-se, do seu ponto de vista, de uma causa superior de liberdade, não de homens, mas de um mundo que se faz de Gregos superiores perante a ameaça bárbara (1273-1275). Pelo milagre das palavras, Agamémnon transformou a mesquinhez dos factos em projecto de ideal.

O que não passava, no discurso de Agamémnon, de Persuasão foi lido, pela ingenuidade intocada de Ifigénia, com confiança. Aplicou então a sua fantasia de criança num projecto de heroísmo. Fez suas as palavras de Agamémnon, mas deu-lhes o brilho inédito da autenticidade. A monódia que entoa é ainda hesitante pelo preço a pagar, cumprindo mais uma etapa na construção coerente de um processo de crescimento. Será afinal Aquiles a desempenhar, ainda que involuntariamente, o papel de dar condições para o sacrifício de Ifigénia. Porque é a contestação dos Mirmidões, que lhe abala o prestígio e a autoridade, que enfim resolve as hesitações de uma vítima que agora, sem mais reservas, doa a vida.

A hora deixou de ser de *philia*, para passar a ser de *kléos*. É assim que Ifigénia orienta agora a sua *rhesis* de oferta voluntária ao sacrifício, como mulher devotada à pátria. Determinação e vontade, qualidades em débito no comportamento de todos aqueles que, em Áulide, conduzem uma campanha grandiosa, impõem-se nesta jovem que acaba de amadurecer; à nobreza de sangue ela responde com um heróico desejo de glória (1375-1376). Com uma lucidez incontestável, Ifigénia evoca o sentido ancestral do que seja *kléos*: risco máximo de vida, em nome de ideais elevados e altruístas (1378-1381), que implicam, como prémio, uma admiração colectiva e eterna.

A voz de Aquiles é apenas a primeira que se ergue em celebração da heroína que acaba de nascer. Detentora de uma glória, que conquistou por mérito próprio e que contagiará a família a que pertence, Ifigénia pode retomar as expressões de *philia* que são próprias da sua personalidade; não já como a criança mimada e alegre, que distribui em volta beijos e abraços felizes, mas uma alma madura e afectuosa que envolve os seus, na hora derradeira, num tranquilo olhar de despedida (1449, 1452). Antes de se ocultar para sempre no bosque de Ártemis, onde o altar a espera, Ifigénia consagra-se também como a verdadeira conquistadora de Tróia, aquela que garantiu a vitória por um meio brilhante e superior.

Multiplicam-se, em honra da princesa argiva, hinos de glória, que o coro entoa em homenagem da sua grandeza de alma e determinação. *Kléos* dá o tom às palavras das mulheres de Cálcis (1504, 1528-1531) e do mensageiro, testemunha do sacrifício (1606). Mas muito mais do que o derrube de uma fortaleza, mesmo se gloriosa, a filha de Agamémnon logrou romper os muros que apertam, em limites estreitos, a existência humana. Foi a glória eterna e



imortal o que conquistou e o direito de figurar na galeria, distante mas sedutora, 'dos que os deuses amam' (1610-1611).

M. F. S. S.